

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 1467

Data: 11.01.87

### 190 A tragédia de Chibangue

Desde os finais de outubro do ano recém-findo que os índios aldeados no toldo chibangue, próximo a Chapecó (SC), estão quase que diariamente nos noticiários da imprensa. Aparentemente os índios estão em disputa entre si, quase numa luta de todos contra todos. Aparentemente, ainda, essa desavença geral decorre de um processo eleitoral que fez emergir um novo cacique, em substituição ao velho cacique Clemente. Este, porém, não quis aceitar os resultados eleitorais e estabeleceu uma cisão no grupo. A seguir, Clemente convidou para residir na área de Chibangue alguns índios que viviam acampados no interior da cidade de Chapecó e que, instados pela Prefeitura local, sistematicamente rejeitavam voltar a seus pagos, o PI Nonoai, situado no Rio Grande do Sul. A presença desses índios no interior de Chibangue foi rejeitada pelos seguidores do cacique eleito. Clemente para fazer valer sua vontade, apelou para alguns caciques das reservas Kaingang próximas, localizadas no Rio Grande do Sul e Paraná. Esses então promoveram uma verdadeira invasão em Chibangue, expulsando o cacique eleito e a maioria de seus seguidores. Em seguida, fizeram entrar na área, os Kaingang originários de Nonoai.

Os índios residentes em Chibangue e expulsos pela arbitrariedade de alguns pseudo-líderes indígenas, somente voltaram ao Chibangue por decisão da Justiça Federal, em resposta a recurso judicial interposto pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai). Os índios que viviam na cidade de Chapecó, originários de Nonoai, também tiveram de sair de Chibangue por decisão do Juiz Federal. Mas acabaram voltando, ainda por determinação da Justiça, em decorrência de recursos interposto pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

A insegurança, o medo e a violência continuam presentes no Chibangue. Uma questão interna dos índios Kaingang cujo faccionalismo é uma tradição, justifica a Funai. Um problema decorrente de uma cultura *primitiva* insinua a imprensa. Um grave problema de intervencionismo indevido da Funai, acusa objetivamente o Cimi.

Na verdade, a tragédia de Chibangue tem suas raízes no processo de dominação que desde os tempos da Colônia caracterizam as relações entre índios e brancos no Brasil. Processo de dominação que secularmente vem encontrando novos arautos, obcecados em justificar o injustificável. Os índios integram povos diferenciados e têm que ser reconhecidos como minorias étnicas, passíveis de proteção do Estado. Suas terras, suas culturas, suas línguas devem ser preservadas, por um dever que o Estado brasileiro tem perante toda a humanidade. Há legislação internacional protetora desses povos. O Brasil é signatário dessa legislação. Há também uma legislação interna, para ser cumprida.

Em Chibangue, primeiro, se viu

uma luta pela reconquista das terras perdidas. Isto durou anos e exigiu uma forte motivação da sociedade civil, que incluiu uma dramática greve de fome, efetivada por índios e não índios. As terras foram recuperadas pela metade, apesar dos esforços em contrário de lideranças políticas locais. Travou-se a seguir, uma batalha para o reassentamento dos colonos retirados das terras que os índios recuperaram. Por fim, quando os índios de Chibangue se motivavam para realizar as primeiras roças, pretendendo inclusive mostrar que "índio também trabalha a terra", se estabeleceu esta verdadeira guerra de todos contra todos. Por que?

É preciso esclarecer que a população indígena aldeada e sobrevivente em Chibangue jamais contou com assistência governamental (SPI/Funai). Iniciada a luta pela recuperação das terras, a Funai foi várias vezes instada para apoiar os índios.

Sempre rejeitou. **Somente quando** ocorreu a ameaça de uma interposição judicial sobre a omissão da Funai, esta passou a patrocinar, com restrições, as reivindicações dos índios de Chibangue. Isto explica os acordos realizados e a conseqüente reconquista de apenas metade da área tradicionalmente ocupada pelos índios. A Funai cedo, entretanto, pretendeu administrar a nova área. Criou um Posto Indígena e se insinuou entre os índios com promessas de ajuda em sementes, alimentos e ferramentas, necessários para garantir as condições para a realização das primeiras roças.

O conflito realmente começou em Chibangue quando os índios manifestaram desinteresse pela instalação na área do Posto Indígena, com um chefe branco e outros sequezes para lhe aporrinhar o dia a dia. Rejeitaram também a mulher do chefe do posto, que acabou sediado na cidade de Chapecó, como professora. Rejeitaram a decisão da Funai de trazer para Chibangue índios que viviam como marginais no interior da cidade de Chapecó. Rejeitaram, afinal, a Funai como órgão tutor, deixando claro que haviam vivido a vida toda sem a Funai e agora, com as terras recuperadas, livres queriam continuar. Livres, porém, índios.

Por fim, quando os funcionários da Funai e os caciques índios manipulados malham o Cimi e os padres, numa tentativa de reedição dos argumentos positivistas que levaram a criação do SPI por Rondon, apenas estão servindo de ponta de ariete para interesses outros, inconfessos, defendidos por uma outra *intelligentsia*, que está encastelada no Conselho de Segurança Nacional (CSN), a qual patrocina a idéia que não há espaços no Brasil para minorias étnicas.

**Silvio Coelho dos Santos, antropólogo, pesquisador do CNPq, ex-pró-reitor da UFSC, professor da Udesc**